

# Luto em Santa Maria: Estudo da Tragédia sob um Olhar Sistêmico

Andrei Nunes Grizafis<sup>1</sup>

Silvana Terezinha Baumgarten<sup>2</sup>

## Resumo

O resultado do trabalho de luto da perda de um filho depende muito de como a família está encarando essa perda e de qual o ciclo de vida pelo qual o sistema familiar está passando. A presente pesquisa aborda alguns aspectos teóricos importantes relacionados às observações feitas em dois dias de acompanhamento das atividades da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), no município de Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul, nos dias 11 e 12 de abril de 2017, bem como procede à análise de conteúdo de seis entrevistas realizadas com mães e pai de vítimas. O trabalho realizado pela AVTSM é de fundamental importância aos pais e às mães que participam, pois, além de proporcionar atividades psicossociais para os membros e fortalece o vínculo coletivo entre eles. Além disso, tais atividades têm caráter terapêutico e incentivam os envolvidos a melhorar e a resgatar a vontade de viver e de se adaptar à realidade cruel que é viver sem seus filhos.

**Palavras-chave:** Tragédia da boate Kiss, Santa Maria, terapia de família, luto.

## ***Mourning in Santa Maria: A Study of the Tragedy under a Systemic Vision***

### **Abstract**

The outcome from the elaboration of mourning of the loss of a son largely depends on how the family is facing this loss and what life cycle the family system is going through. The present research addresses some important theoretical aspects related to observations made in two days of monitoring from the activities of the Association of Families of Victims and Survivors of the Santa Maria's Tragedy (AVTSM), in the city of Santa Maria, in the Rio Grande do Sul State, on 11 and 12 of April in 2017. Together with the analysis of the content of six interviews made with parents of the victims. The work made by AVTSM is of fundamental importance to mothers and fathers that participate in it, because it not only proportionate psychosocial activities to the members, it also strengthens the collective bond between them. Moreover, these activities have a therapeutic character and encourages the involved to get better and recover the will to live and adapt to the cruel reality that is living without their children.

**Keywords:** Tragedy in the Kiss club, Santa Maria, family therapy, mourning.

O rompimento de um vínculo afetivo é, para muitos, o pior sentimento que pode ser sentido. O luto advindo de uma ruptura é uma resposta instantânea e poderá ser sentido de forma diferente,

---

<sup>1</sup> Psicólogo formado pela Universidade de Passo Fundo.

<sup>2</sup> Professora Titular III do Curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo. Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília.

dependendo de cada indivíduo, de cada constituição e de cada característica individual. O significado da morte faz parte de um sistema de crenças culturais e adere interpretações e segmentos particulares. Partindo dessa inferência, podemos pensar que cada povo enfrenta a morte à sua maneira, e, nesse processo, as religiões também fazem parte dessa distinção, em um contexto no qual diferentes correntes religiosas encaram o significado da morte de forma mais ampla ou simplificada. Independentemente de receber olhares diversificados, o que não se pode deixar de apontar é que, num sentido global, a morte traz à tona uma série de questionamentos, interrupções, temas inacabados e uma consequência universal: o sofrimento.

O luto pode se apresentar de diferentes formas. Uma delas é o luto disfuncional, que consiste em um tempo indeterminado de trabalho em que os comportamentos relacionados à perda não chegam a serem elaborados, ou demoram demais para isso (Coelho, 2012).

A pesquisa aqui apresentada, teve como objetivo analisar como a AVTSM auxilia os familiares das vítimas da Tragédia da Boate Kiss, ocorrida em 27 de janeiro de 2013, no tocante à elaboração do luto. Buscou-se também fazer um entendimento sistêmico de todo o processo de perda e conhecer as percepções e sentimentos dos pais, após três anos da tragédia. Foram entrevistados cinco mães e um pai, que se dispuseram a participar, de maneira voluntária e esclarecida, da pesquisa.

## **Fundamentação teórica**

### **A perspectiva sistêmica da perda**

As famílias possuem funções gerais comuns, que são: proteção psicossocial de seus membros (função interna), acomodação a uma determinada cultura e a transmissão a essa cultura (função externa). A primeira diz respeito à alimentação, à promoção da saúde e à vestimenta dos membros etc., já a segunda consolida os limites, as leis morais e as regras da sociedade, dentre outros aspectos (Minuchin, 1988). Dentro do sistema familiar, ainda existem subsistemas, que são os membros dentro do sistema, e que fazem parte da estrutura, do funcionamento e do comportamento da família (Minuchin, 1988).

A cada grupo de subsistema compete o desenvolvimento de tarefas específicas. A título de elucidação, podemos pensar em nossas próprias famílias, com suas funções delegadas. Se tomarmos os cônjuges/pais como exemplo, podemos destacar que, além da tomada de decisões, suas funções envolvem questões como preencher necessidades de interdependências, ensinar cuidados físicos, ensinar relações familiares, contribuir para o desenvolvimento do amor, fomentar o respeito à individualidade e educar para uma postura de solidariedade, entre outras. Há, ainda, as fronteiras, expressas por Minuchin (1988) como “regras que definem quem participa e como” (p.58). Sendo assim, há uma delimitação de cada subsistema e uma proteção em volta de si próprio, que permite que trocas e interação com demais subsistemas sejam possíveis, porém, tais fronteiras devem ser respeitadas e diferenciadas. Para Minuchin e Nichols (1995), a família constantemente está sujeita a mudanças que podem vir de dentro ou de fora, pois não é estática; todavia, mudanças de grande impacto como a perda de um dos membros fazem com que o sistema familiar sofra grande abalo.

Sabemos que não é possível prever os estágios e o tempo de superação da perda de um filho, por exemplo, mas, segundo Walsh e McGoldrick (1998), é possível identificar duas tarefas familiares principais que podem promover a adaptação – imediata e a longo prazo – para os membros, de modo a fortalecer esse grupo como uma unidade funcional:

1) O reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum da perda: compartilhar a experiência de perda ajuda na adaptação da família, inclusive a comunicação direta e aberta com os membros é vital nesse processo e ajuda no fortalecimento na rede de apoio.

2) A reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida: é necessário que o sistema familiar trabalhe em prol de sua reestruturação. Esse não é um trabalho fácil e rápido e, além de demandar persistência e tempo, demanda que se proceda a um realinhamento das relações e a uma redistribuição dos papéis necessários para compensar a perda e prosseguir com a vida familiar (Walsh & McGoldrick, 1998).

Os pais depositam nos filhos certa carga afetiva de expectativas desenvolvidas durante a vida, o que Minuchin (1988) chama de herança familiar, e a perda de um filho representa a perda de projeções e expectativas que foram destinadas a esse filho. Isso se justifica em razão de que, para os pais, o filho não representa apenas uma extensão biológica, mas também uma extensão simbólica, pois essa é uma relação que está carregada de carinho, amor, afetos positivos e projeções futuras.

A vivência do luto familiar poderá prejudicar a comunicação dos membros da família, pois, em alguns casos, com o propósito de respeitar a dor do outro, algumas pessoas não toquem no assunto da perda. Com isso, desenvolve-se uma proteção da família, uma espécie de casulo que tem como decorrência o silêncio e o sofrimento escondido (Brandão, 2009).

As famílias poderão vivenciar diversos sentimentos frente à perda de um de seus membros, e a natureza desses sentimentos dependerá do sentido singular do relacionamento e da perda para cada um. Além disso, tem estreita relação com as implicações que tal perda trará à unidade familiar (Walsh & McGoldrick, 1998). Tal processo de elaboração do luto varia muito de membro para membro e de estrutura familiar para estrutura familiar e poderá durar muito mais do que se pensa. Nesse processo, a cada nova data comemorativa, os sentimentos poderão ser evocados pelo sistema familiar (Walsh & McGoldrick, 1998).

A tragédia ocorrida reverbera por todo o sistema familiar. As imagens decorrentes da tragédia expostas e imagens internas dos familiares podem vir sob a forma de pesadelos nos anos seguintes, como se fosse uma assombração para os sobreviventes, e distúrbios de estresse pós-traumático poderão afetar as relações familiares que restaram, levando a reações de perturbações e mesmo a reações fatais de outros membros familiares (Brandão, 2009). Uma tragédia como a ocorrida na boate Kiss em janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria – RS, marcada pela perda de inocentes, é sobremaneira difícil de suportar. Isso ganha ainda mais relevância quando se pensa que o episódio foi marcado não somente por um expressivo número de perdas, mas pela morte repentina e inesperada de centenas de pessoas. Tal contexto demanda, para os familiares que ficam, tempo para processar a perda e para lidar com assuntos inconclusos ou mesmo para dizer adeus (Walsh & McGoldrick, 1998). Tudo isso ganha ainda mais expressividade quando se considera que a morte de um filho deixa um

vazio único e inconsolável, e, nesse contexto, o sistema corre o risco de disfunção, e a negação é o mecanismo mais ativo nesse momento (Brandão, 2009).

Pensar na morte de um filho não é tarefa fácil para a maioria dos sistemas familiares, uma vez que ninguém está preparado para enfrentar uma perda desse âmbito e, por conseguinte, tampouco está pronto para superá-la com tranquilidade. A morte é um fenômeno que gera uma série de sentimentos e questionamentos ao ser humano, uma vez que somos a única espécie consciente da morte. Disso se infere que cada membro familiar receberá o episódio de forma diferente, de modo que o significado também não será igual para todos.

A transformação familiar que se seguirá à perda de um filho não será fácil e o sistema necessitará de apoio de vários lados. Nesse sentido, o estudo dessa temática pode nos trazer uma reflexão e também um aprendizado – pois a morte faz parte da existência humana – mesmo causando forte conflito e desgaste emocional para o sistema familiar (Brandão, 2009)

### **AVTSM e um pouco sobre a tragédia**

A Associação das Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) foi criada em 23 de fevereiro de 2013, 27 dias após a tragédia na boate *Kiss* que resultou na morte de 242 jovens, na maioria estudantes, e feriu outras 680 pessoas (Fachini, 2014).

Os objetivos da AVTSM são voltados ao trabalho conjunto destinados à recuperação de todos. Por finalidade, a Associação tem: reunir e organizar os familiares das vítimas e os sobreviventes da tragédia da Boate Kiss de Santa Maria/RS, ocorrida em 27/01/2013; auxiliar no amparo recíproco das famílias e dos sobreviventes; promover a busca e a divulgação de toda e qualquer informação referente à tragédia; lutar pela defesa dos direitos e dos interesses dos que sofreram com a morte de seus entes queridos, bem como daqueles que sobreviveram ao ocorrido; exigir a apuração, em todas as esferas, das causas que levaram à tragédia na boate Kiss, em cumprimento das atribuições legais que incumbem ao Poder Público, bem como a responsabilização de todos os envolvidos; promover a busca junto ao Poder Público, em todas as suas esferas e órgãos, por providências para a alteração na legislação e na fiscalização, de modo a evitar que tragédias como a ocorrida em 27 de janeiro de 2013 voltem a ocorrer (AVTSM, 2016).

Essa associação também tem como objetivo auxiliar pais, mães e vítimas da tragédia com apoio jurídico (por meio de uma ação judicial coletiva), apoio psicossocial das/às mães (por meio de oficinas de artesanato), apoio e busca por respeito e ao não esquecimento, através da vigília em memória das vítimas realizada todas as quartas-feiras. Busca, ainda, por justiça, com a participação em fóruns e debates, sempre com o propósito de levar ao Judiciário a demanda pelo cumprimento da lei e pela punição dos responsáveis pela tragédia.

### **Método**

Este trabalho consiste em uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e caráter descritivo e teve por propósito entrevistar pais e mães das vítimas da tragédia da Boate Kiss, ocorrida em 27 de janeiro de 2013.

Participaram dessa pesquisa seis pais e/ou mães de vítimas da tragédia da Boate Kiss, que frequentam a AVTSM. Esse grupo foi selecionado para entrevista conforme disponibilidade. Cada um dos participantes que concordou em contribuir com a pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que, além do sigilo, assegura que as informações obtidas terão o respaldo do anonimato. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de coletar dados; além disso, também foi feita observação descritiva das atividades presenciadas no dia de visita à AVTSM. No dia seguinte, o pesquisador participou durante todo o dia da vigília realizada em uma praça central da cidade; lá, não houve desenvolvimento de entrevistas, por questões sonoras, tendo apenas sido desenvolvida a observação da atividade. As entrevistas foram analisadas a partir da observação de conteúdo.

Os entrevistados serão aqui identificados por nomes fictícios, de flores, a fim de garantir seu anonimato: Magnólia, mãe, 52 anos, perdeu a filha; Rosa, mãe, 48 anos, perdeu a filha; Margarida, mãe, 53 anos, perdeu o filho; Violeta, mãe, 54 anos, perdeu a filha; Jasmim, 54 anos, perdeu o filho; Gerânio, pai, 53 anos, perdeu o filho.

O projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em pesquisa e os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo a partir do TCLE. Após a assinatura do TCLE, as entrevistas ocorreram na sede da AVSTM, que está localizada no antigo prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no centro da cidade, com os pais que se voluntariaram a participar da pesquisa.

## **Análise dos resultados**

### **Percepções e sentimentos do pesquisador acerca das entrevistas**

A sede da AVTSM é um espaço físico emprestado pela UFSM e conta com uma sala grande com duas mesas compridas e dois computadores, além de outros materiais menores (mesa pequena, caixas, balcão), cadeiras; e com outra sala menor, onde é realizada a oficina de artesanato para as mães, que conta com uma mesa grande central, cadeiras, balcão e confecções nas paredes. A sede não é um espaço muito grande, porém, lá, são realizadas reuniões com os integrantes e oficina de artesanato com mais ou menos dez mães.

Na vigília que ocorre nas quartas-feiras, durante todo o dia, mães, pais, amigos, familiares e simpatizantes da causa compartilham do sentimento solidário e permanecem por algum tempo. É realizada numa praça central da cidade, onde uma tenda já está montada com um painel com fotos de todas as 242 vítimas, e os pais e familiares que confeccionaram banners de seus entes podem afixar esse material no local e prestar sua homenagem. Há, também, flores numa mesinha e um caderno que pode ser assinado por todos os que por ali passarem. Enquanto lá estão, os pais permanecem na tenda tomando chimarrão, compartilhando alimentos, orações, reflexões e discussões.

Estávamos preparados para encontrar pais e mães ocupados em atividades da Associação e com pouco interesse em participar da pesquisa, levando em conta que a entrevista poderia remeter diretamente à tragédia e ao sentimento de tristeza. Porém, o que ele encontrou lá foi um ambiente calmo, acolhedor, respeitoso, aconchegante, diferentemente da visão que guardava. Silva (2009) coloca que isso pode ser comum, que “o retrato que se faz das famílias em situação de perda é de famílias problemáticas e fragilizadas” (p. 378). A autora também aborda que o uso dessa lente negativa pode fazer com que não consigamos perceber e valorizar as forças e os potenciais das pessoas.

Todos os pesquisados consideraram importante o trabalho desenvolvido na AVTSM. Elas relataram que a Associação as aproximou de uma forma afetiva, num momento de tristeza que era enfrentado por cada uma de sua própria maneira. Nesse ponto, a terapia de grupo, juntamente com seus benefícios, pode ser uma boa ferramenta para auxiliar os enlutados na superação e no alívio dos sintomas, bem como para fortalecer ainda mais o vínculo entre eles.

Algumas das mães nunca haviam tido contato com oficina de artesanato; uma delas sabia um pouco sobre o assunto e tratou de ensiná-las, de uma forma bem informal e lúdica. Com o tempo, elas foram aprendendo mais e procurando se informar, começaram a vender suas confecções e até a produzir em casa mesmo, uma delas inclusive conta com a ajuda do marido na recuperação de janelas envelhecidas. O trabalho nessa forma tomou um novo sentido, o que anteriormente era uma forma de *passar o tempo [sic]*, tornou-se fonte de renda extra, adquiriu ar de seriedade e maior competência no desenvolvimento das peças. Ainda assim, algumas relataram ser um momento de prazer e de bom convívio estar na oficina, com a presença de outras mães compartilhando sentimentos, dores, momentos, alimentos, etc. Com isso, a força que o grupo demonstrou perante a injustiça ocorrida revela uma união importante e benéfica desse triste caso.

Uma das mães relatou que se não fosse pela perda de seus filhos, elas não teriam se conhecido: *foi uma coisa de bom que nossos filhos deixaram, nos unir, porque todos moravam na mesma cidade, mas nenhuma conhecia a outra, a gente ficou se conhecendo através deles [sic]* (Rosa). Percebe-se, com essa fala, que, apesar da perda, algo de bom pôde ser observado. As mães entrevistadas relataram que a união delas e a força do grupo é muito mais forte do que apenas uma ou outra, se tratando da pressão que elas e os pais fazem para se defender e para exigir que o Poder Judiciário exerça a função para a qual é destinado.

Relataram também que outras mães não fazem parte da Associação e que gostariam que mais pais e mães participassem das atividades. Além disso, registraram que sabem de relatos de mães que não vão até lá, que não podem ao menos chorar e demonstrar seu sofrimento para seus familiares.

Algumas mães tomam medicamentos diários, o que demonstra que, mesmo com o passar dos quatro anos da tragédia, com o trabalho psicossocial da Associação e com os atendimentos que todas fazem no Acolhe Saúde, a dor tem de ser controlada e amenizada com psicofármacos.

Todas as mães entrevistadas fazem uso de psicoterapia no serviço de atenção psicossocial Acolhe Saúde, um projeto da prefeitura que visa atender psicossocialmente os familiares das vítimas da tragédia. Tal projeto foi criado no mesmo ano do incêndio, com atendimento gratuito, e conta com psicólogos, psiquiatras, médico clínico, assistente social, enfermeiro e outros servidores.

Elas se referiram ao trabalho do profissional psicólogo como parte do processo de superação, um auxílio extra que demonstra resultados positivos no entendimento do processo e na forma de escuta que alivia muito seus sentimentos negativos. Azar de Sporn (2010, p. 285), ao apontar o trabalho do psicólogo em situações de perdas, como essa vivida por essas pessoas, diz: “é nossa responsabilidade, então, estar preparados para dar apoio, gerar e estimular respostas de enfrentamento e assertividade nas pessoas que estão sofrendo”.

Algumas mães relataram que o tempo ajuda na superação, mas todas afirmam que não há um dia em que não se lembram de seus filhos e filhas. Externam que tal perda deixou *um buraco que jamais fechará em suas vidas [sic]*. Outro fator importante observado foi a maneira como elas se referem ao acontecido: *massacre, noite horrenda e/ou noite maldita [sic]* foram algumas das escolhas para se referir ao fato, sempre com muita emoção. A noite da tragédia era para ter sido uma tranquila noite de verão, em que jovens celebrariam a amizade e se divertiriam como de costume numa cidade como Santa Maria. Os pais e familiares jamais imaginariam que aquela noite mudaria suas vidas para sempre e que mudaria totalmente sua estrutura familiar. Brown (1995) comenta que “cada tipo de morte tem implicações na reação e no ajustamento familiar. As mortes súbitas pegam o indivíduo e/ou a família despreparados. A família reage com choque. Não há tempo para despedidas ou para resolução das questões de relacionamento. Não há nenhum luto antecipatório” (p. 403).

Por vezes, o desespero e a dor ressurgem para elas, considerando a gravidade e o desfecho do caso. Uma delas diz que jamais irá superar e relata que cada dia é pior que o anterior, que a perda de sua filha significou e ainda significa muito para ela, por serem muito próximas e amigas. Afirma que encarar essa perda não está sendo fácil também por se tratar da ordem lógica natural da morte, que, no caso desses pais, inverteu-se.

Outro fenômeno interessante observado foi a atribuição de atividades a seus filhos perdidos, como por exemplo, a mãe Violeta, que relatou que está atrás de justiça e que seguirá enquanto respirar, por respeito à sua filha; ou ainda a mãe Rosa, que continuou os estudos e pretende cursar ainda mais, também por sua filha. Outra mãe, Magnólia, relatou que se mantém firme pela sua filha e ponderou que a jovem não gostaria de vê-la de outra forma. É importante compreender tais funcionamentos diante de uma perda dessa proporção, para saber localizar pontes que poderão ser construídas quando houver a possibilidade. Tratar de pacientes em sofrimento por situação similar é delicado e requer preparo psicológico e estrutural, pois o indivíduo que sofre dilaceramento por uma perda dessas está muito susceptível a desenvolver outros sintomas, e o profissional deverá estar preparado para trabalhar com a perda.

### **A percepção e os sentimentos dos entrevistados**

Pode-se observar que, mesmo diante da busca de superação, os entrevistados dizem que esse é um sentimento que nunca será vivido por eles. Há um caminho singular e compartilhado que essas mães e pai estão seguindo, que é a busca por justiça, respeito e apoio comunitário, através da AVTSM.

A Mãe Magnólia é casada, perdeu a filha única, que tinha 18 anos e há pouco havia passado no vestibular para o curso de Arquitetura. A impressão transmitida de Magnólia foi de tristeza clara e

silenciosa. Não chorou enquanto conversava com o pesquisador, porém, seu semblante e fala suave deixaram clara suas profundas emoções. Durante a conversa, foi observado que a falta da filha é muito grande, o que é comprovado por seu depoimento: *nossa, minha filha faz muita falta, e ela estava no auge da vida dela, estava com 18 anos, tinha passado em Arquitetura, que era a paixão dela, desde pequena ela falava em arquitetura, nunca falou em outro curso [sic]*. Registra, ainda, que tenta superar como pode, por exemplo, vindo nas terças-feiras na AVTSM participar do artesanato. Diz que há momentos em que ela acorda e que não há vontade de sair da cama, entretanto, levanta e tenta seguir a vida. Lamenta, ainda, o fato de que nunca terá neto, nem alguém para cuidar-lhe quando estiver velha.

A Mãe Rosa é casada e perdeu sua filha na tragédia. Pouco antes da tragédia ocorrer, Rosa voltou a estudar e estava cursando o ensino fundamental; utilizava os materiais escolares da filha, que, naquele momento, havia parado com os estudos. Mais tarde, sua filha voltaria a estudar e já estava até matriculada, quando ocorreu a tragédia. Rosa não esconde sua tristeza; quando perguntada, relatou que a dor de perder a filha ainda é grande: *Cada dia é pior, porque eu ainda acho que eu ainda vou encontrar minha filha, que minha filha vai voltar [sic]*. Contou histórias sobre sua filha e disse que voltou a estudar por ela, está tentando cursar Técnico em Solda, e, posteriormente deseja formar-se no curso Técnico em Mecânica. Seu marido tem uma oficina e essa decisão de dedicar-se à mesma área que o marido mostra a aproximação dela com ele. Ainda, participa das oficinas de artesanato e diz que foi graças a seus filhos que essas mães se conheceram, e, hoje, mantêm amizade e companheirismo na luta por justiça: *É muito bom, a gente se encontra com as mães, a gente brinca, chora, ri, foi uma coisa de bom que nossos filhos deixaram, nos unir [sic]*.

A Mãe Margarida é casada e perdeu seu filho. Relatou que às vezes tem vontade de desistir, que não é fácil essa perda, porém, tem que continuar: *assim, volta e meia, a gente pensa em largar tudo, desistir, porque é cansativo [sic]*. É uma mulher que gosta muito de estar na companhia das outras mães e gosta muito do artesanato, inclusive, trabalha em casa com o marido nesse segmento.

A Mãe Violeta perdeu sua filha caçula, é separada e participa ativamente das atividades da AVTSM. Relatou que, quando perdeu sua filha, vivenciou um sofrimento sem possibilidade de mensuração, sua dor foi tanta que se sentiu como se seu corpo se desintegrasse, relatou seu sofrimento até hoje: *parece que cada molécula do meu corpo se desintegrou, uma desorganização molecular, uma desconstrução de vida [sic]*. Demonstrou sentimento de impotência, raiva, tristeza, perante a injustiça que se faz após quatro anos da tragédia. A revolta e a dor da perda também estão presente nessa mãe: *e foi um massacre, o que choca, o que dói, é que eles não tiveram chance de defesa. O máximo que eles podiam fazer era correr, mas para onde se estava tudo escuro? Então assim, essa é uma dor que é revoltante, então reincide parece esse luto, porque você fica num sentimento de impotência, o que mais faz reincidir o luto é a questão de justiça que não tem, além de tu perder um bem precioso, a dor é imensurável e não tem o que te restitua, porque não tem como trazer a volta, tem a questão da justiça que te vira as costas, tem alguém responsável por tudo isso, foram 242 que morreram e fora os sobreviventes e que trazem marcas psicológicas e físicas que jamais vão sair deles. É um desamparo físico e desamparo psicológico também [sic]*.

Foi observado, ainda, um sentimento de incompreensão por parte da sociedade em geral, que não respeita seu sofrimento e não apoia o grupo de pais:  *você não consegue nunca descansar, eles sim descansaram, nós não, o que dói é que também as pessoas não entendem a nossa parte, de a gente não querer que aconteça de novo, que ninguém precise passar por isso. As pessoas dizem assim para gente: deixem os coitados descansarem. Eles estão descansados, eles fizeram a parte deles, mas nós não fizemos a nossa ainda porque não houve justiça ainda [sic].*

A Mãe Violeta menciona, ainda, o aparecimento de doenças:  *o impacto é tão grande que te desestrutura, nós comumente ficamos mais doentes, nós comumente demoramos mais para curar uma gripe, aí às vezes aparece doenças que nunca haviam aparecido [sic].*

A Mãe Jasmim é casada, perdeu seu filho mais novo e, quando questionada sobre o processo de perda e luto, relata:  *tem dias melhores, tem dias piores, uma situação bem inexplicável. A gente não deixa de lembrar nenhum segundo, mas tem dias que tu acordas e sentes mais, não sei se é o dia, não sei te explicar, tem dias que você está bem, tem dias que você está bem para baixo [sic].* Jasmim disse que, ao contrário de outras mães, gosta muito de falar sobre seu filho e do quanto ele é especial. Comentou que entre sua família não se pode falar em seu filho, pois o choro é inevitável, mas disse que, para ela, falar nele não é um problema.

Ainda relatou que não faz uso de medicação para dormir e se acalmar e que utiliza de meios para se distrair e tentar não pensar tanto na falta de seu filho:  *então eu tenho que me levantar, não é fácil, tem dias que não é fácil, é assim que a vida caminha para nós, não é mole. O tempo ajuda a gente, dizem que não, mas ajuda, e já não é mais uma coisa assim, desesperadora, no início, ali nos primeiros anos, era mais difícil e tem o pessoal que tu conversa, vai no Face, telefona, te distrai, e assim passa o tempo. O meu, eu tento passar o máximo ocupado, porque eu trabalho de manhã só até meio dia, e de tarde o tempo passa no artesanato. Eu gosto do que eu faço ali no artesanato, tenho sempre encomendas para fazer, tenho que pensar naquilo dali, porque eu gosto daquilo dali, então eu ocupo a cabeça [sic].*

O Pai Gerânio foi o único pai entrevistado. Perdeu seu filho mais velho e desde então carrega consigo o sentimento de impunidade e a busca por justiça. A impressão transmitida foi de um pai interessado, líder, proativo, responsável, destemido. Esse mesmo pai responde a um processo judicial juntamente com outros dois pais e uma mãe, entretanto, não desanima, e continua a buscar por recursos financeiros, jurídicos e psicossociais para outros pais e mães.

Quando questionado acerca da perda e do luto, afirma que a regra cultural que diz que o normal é os filhos enterrarem os pais é verídica e que atravessa cada um quando se depara com uma situação como a dele:  *A perda e luto é bem complicado, as pessoas não entendem, quando você perde o pai, a mãe, parece que eles estão dentro de um contexto natural da vida...a natureza diz que o mais velho tem que morrer antes [sic].*

Ainda, afirmou que o sentimento de estar perdido é dominante, e que suas expectativas com o filho perdido se foram:  *nosso foco era ver nossos filhos se formando, fazendo a faculdade, ter netos, mulher, aí parece que, como pai e mãe, você cumpriu tua missão, ... é como se tua vida fosse uma roda, uma roda da vida, e nessa roda da vida circular tu quebrou um dente, então ela vai seguindo normal e sempre ela bate naquele dente quebrado, então ela tranca. Antes, ela girava num giro normal, hoje em*

*dia não, quando ela bate naquele dente quebrado que é a perda, ela dá um tranco, aí muda tua emoção, muda teu sentimento, muda sua pergunta sobre a vida, muda sua referência [sic].*

Gerânio também demonstrou sua preocupação com a sociedade no geral, e com a prevenção e a segurança. Lembra que a tragédia tomou proporções mundiais e que leis foram revistas, de modo que a fiscalização de casas noturnas tenha se tornado mais rígida, no entanto, mesmo assim, parte da sociedade em Santa Maria parece não perceber isso: *eu entendo como cidadão e pai cidadão, cobrar essa justiça, porque quando você está cobrando justiça, não está cobrando justiça para o teu filho, teu filho já foi, ele já partiu. Você quando está cobrando justiça, está cobrando justiça para uma sociedade melhor, uma sociedade que tenha mais respeito à vida, uma sociedade que pense mais em prevenção, ... estamos preocupados com a prevenção e segurança de outras famílias [sic].*

### **Aspectos socioculturais da morte e do morrer**

A morte de um filho é a perda mais dolorosa pela qual alguém pode passar. É um momento triste e com muito sofrimento. A dor não deixa ninguém escapar e sua intensidade tem níveis diferentes dependendo de quem a está sentindo e por quem. Vários fatores são relevantes: depende da idade da pessoa perdida, da idade da pessoa que perdeu, depende do quanto se está preparado para isso, e, também, depende também das forças interiores de cada envolvido (Viorst, 2005).

A raiva sentida pelas pessoas ao redor, como comenta Viorst (2005), muitas vezes é a raiva que sentimos do morto. Raiva por ele(a) ter nos deixado, raiva por ele(a) estar causando essa dor e sofrimento (Viorst, 2005). No caso santa-mariense, essa raiva é sentida pelos responsáveis do funcionamento da boate e pela Justiça, que se mostra falha. Além disso, pode ser uma raiva inconsciente sentida pelos filhos perdidos. De acordo com Brown (1995), “a morte de um filho certamente é considerada pela maioria das pessoas como a maior tragédia da vida” (p. 401).

A culpa é outro fenômeno encontrado diante de perdas, todavia, não houve relatos desse sentimento pelas mães e pai entrevistados. Os relatos nos fazem pensar que o contexto atual que os pais e as mães vivem não fora projetado. A vivência com os olhares alheios, a convivência espontânea com outros pais e mães e o enfrentamento da situação fizeram surgir, ou deixaram libertar, atitudes benéficas e de altruísmo. Hoje, esses pais e mães, por vezes, se envolvem em ações comunitárias e compartilham uma rede sólida de convívio e ajuda entre si, sem falar na perpétua sede de justiça. Esses sentimentos são compartilhados entre si e alimentam suas vidas diariamente.

A última fase do luto, conhecida como superação, nem sempre é alcançada por todos. Observando as falas dos entrevistados, pôde-se perceber que superação parece ser uma palavra muito forte e que carrega significados que não fazem e nem farão sentido a eles, isso porque essa “fase final” requer um alto grau de recuperação, aceitação e adaptação. Os relatos evidenciam que alguns desses envolvidos não estão nem perto de alcançar o ápice desse momento e que será necessário mais tempo.

Os entrevistados, que participam ativamente da AVTSM, fazem destacar que fazem isso por seus filhos e, desse modo, não pararão tão cedo, pois suas energias se concentram, quase que em sua totalidade, em reverter o quadro de injustiça que se estabelece. A superação total pode parecer algo inalcançável para alguns, se tratando do tamanho da bagagem necessária e do caminho a ser

percorrido, não por acaso, analisada sob a ótica dos processos psicológicos envolvidos. Segundo Viorst (2005, p. 251), nessa fase, “recuperamos a estabilidade, a energia, a esperança, a capacidade para ter prazer e investir na vida. Aceitamos, apesar dos sonhos e das fantasias, o fato de que os mortos não voltarão para nós nesta vida”.

Quando há a perda de um filho dentro de um sistema familiar, o sentimento de inversão de ordem do ciclo vital normalmente é sentido por parte dos pais. Quando a perda se trata de filho único, ela pode vir acompanhada de sentimentos de fim de descendência, podendo essa variável ser responsável por maior sofrimento e menor capacidade de melhora e adaptação.

Brown (1995) afirma que:

Enquanto um membro idoso da família é considerado como alguém que completou sua vida e a quem restam poucas tarefas e responsabilidades, a doença grave ou morte numa outra fase do ciclo de vida é considerada como algo que encerra uma vida incompleta; ela não segue o curso de vida normativo. O momento é errado; está fora de sincronia (p. 339).

Na experiência da autora, as mortes ou doenças graves cujas vítimas estão na plenitude da vida são as que provocam maior ruptura na família. A autora acredita que uma parte maior da intensidade emocional pode ser explicada pelo processo de projeção familiar através do qual os filhos se tornam o foco emocional importante da família. Uma vez que a maioria dos pais vê os filhos como extensões de suas esperanças e sonhos de vida, a perda de um filho é um golpe existencial do pior tipo (Brown, 1995).

### **Atividades realizadas na AVTSM**

Outra questão feita para os participantes foi quanto às atividades realizadas na AVTSM e sobre como avaliam essas atividades.

A Mãe Magnólia relatou que o trabalho da Associação é muito importante, que estar lá com outras mães ajuda muito, auxilia na organização de atividades e sempre se mostra presente. Como todas as outras, Magnólia é uma mãe que segue na luta pela justiça que ainda não veio: *Eu avalio muito bom, acho que ajuda bastante apesar de ter muito pouca gente que participa.... A gente procura fazer o que está ao alcance da gente, mas eu acho que ajuda bastante. Tem muita coisa que aparece, que nem, nosso presidente e vice estão junto sempre na luta, atrás da tal justiça que está difícil, mas sei lá um dia dê certo, um dia vem [sic].*

A Mãe Rosa relatou que não aceitou a perda da filha, porém, está estudando por ela e não quer desistir: *aqui eu venho no curso, quando tem alguma viagem eu estou sempre pronta para ir [sic].* Quando questionada sobre sua opinião a respeito das atividades da Associação, respondeu: *é muito bom, a gente se encontra com as mães, a gente conversa, brinca, chora, ri [sic].*

A Mãe Margarida trabalha no setor administrativo da Associação e considera a oficina de artesanato como uma terapia, e, ainda, confecciona peças em casa com auxílio do marido: *eu e mais outras colegas, pensando numa maneira de nós mesmos ocupar nossa cabeça, uma terapia além do*

*que a gente faz no Acolhe.... Foi criado esse artesanato para gente ficar junto, rir, chorar, trabalhar, ao mesmo tempo bem light, uma ajuda a outra [sic].*

A Mãe Violeta se mostrou preocupada com outras mães e lamentou muito o andamento do processo judicial. Participa ativamente das ações da Associação e relata ser muito importante para a socialização das mães o ambiente da AVTSM. Relatou todas as atividades que realiza: *eu estou assumindo este ano a parte da secretaria, na realidade, a gente é coringa, a gente faz um pouco de tudo, se nós precisamos ajudar um pai ou mãe na parte jurídica, a gente vai... Muitas vezes, chegam pais com problemas de saúde, psicológicos... ajuda uma mãe que está sem comida em casa... e isso a gente nem torna público... a gente tenta minimizar os problemas, solução a gente não tem... e também não é só a Associação, é também os outros. A Associação passou a ser uma referência maior quando você busca questão jurídica...a maior referência para as pessoas é saúde e jurídica [sic].*

Violeta é uma mãe batalhadora e prestativa, considerou importantes as atividades da Associação para as mães, colocando: *eu acho que elas são bastante produtivas, são de muita responsabilidade e, de um certo ponto de vista, muito solitárias, pela falta de engajamento de outros pais...não tem engajamento da sociedade [sic].*

A Mãe Jasmim relatou as dificuldades em alcançar certos objetivos e considera válidas as atividades: *tem a parte do artesanato, a gente faz um horror de coisas. Qualquer convocação a gente está lá, fui em todos os interrogatórios, fórum, já fui acho que uns cinco, seis. Viagens para Porto Alegre. Não sei quantas, onde fundaram os núcleos que a gente fundou Santo Ângelo, Ijuí.... É esse grupo que está aqui que sobrou, na verdade, a maior parte do pessoal apoiou, mas não participa [sic].*

Gosta muito do artesanato e, como outras mães, também confecciona peças em casa para vender. Essa atividade contribui para a sua renda. Se preocupa muito com o fazer tudo certo, juntamente com a direção, e relata: *olha, da minha parte, eu avalio tudo dez, a gente sempre faz tudo para dar certo, que nem sempre dá, a não ser sair correndo atrás de tudo, mas quase nunca nada, para ganhar alguma coisa é difícil. Mas a gente sempre faz o possível, faz o melhor, procura os melhores meios, mas tudo dentro na normalidade. A gente procura não fazer nada de errado, porque eu sempre digo, o que aconteceu lá foi porque estava errado, se aquilo lá não tivesse errado, não teria acontecido. A gente sempre tem que fazer do jeito certo, para gente não ser também igualado a eles e também poder cobrar [sic].*

O Pai Gerânio trabalha em prol de outros pais e enfrenta uma ação judicial juntamente com outros dois pais e uma mãe, porém, nem essa ação o desanima. Suas respostas foram muito bem colocadas e registradas com muita certeza: *os sobreviventes têm muitos problemas com medicação, então, quando eles iam na farmácia do estado, do município, pegar o medicamento, determinada medicação não estava dentro do protocolo de liberação de medicação, aí ele tinha que entrar com um processo, isso criava muito transtorno. Aí fomos nas farmácias de Santa Maria pedir um desconto para os sobreviventes e muitos não deram resposta, não falaram nada. Aí quem apareceu foi a farmácia Y, que já pelo segundo ano dá essa medicação ... então, não tem mais ninguém reclamando de medicação, mas a obrigação era do estado, do município... no início, entregávamos cestas básicas, agora, estamos conseguindo essa medicação e trabalhando pelo apoio jurídico [sic].*

Esse pai explica um pouco a luta pela punição dos responsáveis pela tragédia: *nós fizemos uma denúncia à corte internacional dos direitos humanos, porque Santa Maria foram muitos indiciados e poucos responsáveis, quer dizer, de 28 pessoas, o Ministério Público deixou só quatro.... Também, a gente está fazendo contato com a Procuradoria Geral da República, que a gente está pedindo reverbificação desse processo.... Nós estamos tentando federalizar esse processo... começamos a criticar muito o Ministério Público, aí os promotores do RS entraram com um processo contra a gente, estamos respondendo na Justiça contra calúnia e difamação. Além da gente perder o filho, a gente está sendo processado por calúnia e difamação por aquele órgão que devia proteger a gente [sic].*

Todos os trabalhos realizados com os pesquisados evidenciaram que as mães e o pai consideram que as atividades da AVTSM são muito importantes para todos, como meio de convívio saudável e afetivo entre eles, bem como para garantir maior força contra o Poder Judiciário.

O que move tais mães e pai atualmente é o respeito pelos seus filhos (as) perdidos (as). Respeito no sentido de buscar a justiça falha que ainda os persegue diariamente e que alimenta o sentimento de impunidade. A referência deles foi perdida, como diz o Pai Gerânio, porém, nenhum deles quer que fatos horrendos como a tragédia da boate Kiss voltem a acontecer, e sua luta também é por isso, por uma sociedade que respeite as leis existentes, por um Poder Judiciário que atue eticamente conforme deve, por respeito à sua dor, que, por mais que já se tenham passado quatro anos, não acabou. A Mãe Violeta relata que o luto ressurgue cada vez que suas vozes não são escutadas, cada vez que sua presença é indesejada, cada vez que seu sofrimento é desrespeitado.

As falas dos entrevistados nos mostram que essas mães e pais não perderam apenas seus filhos, mas sim o sentido e o rumo de suas vidas. A doença e os sintomas que hoje lhes acompanham nasceu no dia 27 de janeiro de 2013, quando, de madrugada, seus telefones tocaram e a mais terrível das informações lhes foi passada. Affonso exemplifica sua ideia

É nessa devastadora tragédia, que jovens em pleno pulsar da sua existência com perspectivas de um futuro promissor foram atingidos, inesperadamente [...] e subitamente toda esta prospecção de vida se fez finito é finito (Affonso, 2015, p. 360).

Com o passar do tempo, cada mãe e pai foi reaprendendo a viver, a dar um novo sentido às suas vidas, ou, ao menos, cada um deles tentou. Algumas das mães que participaram da pesquisa não chegaram nessa etapa ainda, porém a Associação tem grande chance de ajudar nesse assunto. Os relatos da opinião sobre as atividades foram unânimes, e a frequência com que participam comprova o sentimento de pertencimento a um determinado grupo com características, funcionamento e objetivos semelhantes. Talvez por essa razão o pequeno grupo – de aproximadamente dez pessoas – tenha tanta força e união, e é de se esperar que essa união permaneça pelo menos até o desfecho dos processos judiciais.

Ressaltando a importância de esses familiares participarem das atividades da Associação, compartilhando seus sentimentos e trajetórias de vida, enfatizamos as lições de Brown (1989/1995), afirma que “as famílias que conseguem se comunicar, compartilhar informações e opções, e utilizar fontes externas de apoio para essas funções parecem se reestabilizar melhor depois da morte” (p. 406).

Parece que essas homenagens aos filhos mortos os ajuda a superar a perda, ou pelo menos a continuar seguindo a vida apesar da perda. Azar de Sporn (2010) refere que quando as pessoas

decidem homenagear seus mortos, podem começar a apostar na vida, vivendo e construindo para si a melhor qualidade possível para seus dias. A autora ainda aponta que, com essas homenagens e compartilhamentos, as pessoas podem aprender a solidarizar-se com outros seres que estão transitando pelas mesmas dores que haviam sofrido seus seres amados e esses já não estão junto a ela. Poderão, desse modo, passar a estar dentro dela. Seria uma especial forma de ressuscitá-los (Azar de Sporn, 2010).

Azar de Sporn (2010) ainda destaca que é possível “‘recuperar’ aos que já morreram através dos afetos que vão além da vida e da morte. São ‘ressuscitados’ à medida que experimentamos e avançamos no caminho do luto, graças às recordações e vivências compartilhadas, captados com os ‘olhos’ e ‘ouvidos’ da alma” (p. 288).

### **O trabalho de avaliação e intervenção de perdas em famílias**

O tema de morte e perda poderá ser demasiado impactante para o profissional da Psicologia, pois, naturalmente, o remeterá a seus próprios lutos. Tal complexidade pode, inclusive, conduzi-lo a um sentimento de inibição no que refere a realizar avaliações e intervenções com as famílias (Silva, 2009). Para que o trabalho seja bem-sucedido, é importante que esse profissional reexamine seus próprios paradigmas a respeito de família e morte, para que não haja fusão com a família em tratamento. Nesse sentido, cabe ao profissional psicólogo entender e investigar os aspectos sociais, culturais e familiares que estará se tratando. Segundo Silva (2009), é importante ressaltar que a avaliação sistêmica dos indivíduos e da família é o ponto inicial do trabalho. Nesse contexto, pertinente citar a orientação e o aconselhamento acerca do luto e o posterior trabalho de prevenção, com uso de intervenções que reduzam os efeitos negativos à saúde do sistema. As intervenções poderão ocorrer nos mais diversos momentos da perda de um membro da família, e o padrão de realidade deverá ser o foco das pessoas envolvidas. As palavras que soam dolorosamente não devem ser evitadas e deverão ser ditas, tais como: morte, morrer, velório, caixão, enterrar. Com o uso delas, objetiva-se maior possibilidade de enfrentamento dos familiares, conforme aduz Silva (2009): “... estar confortável em conversar sobre o assunto possibilita a abertura de um sistema emocional fechado e proporciona a este sentir-se confortável consigo mesmo” (p. 395).

Ainda se tratando das intervenções, a autora destaca que o objetivo é facilitar a relação entre os membros da família, proporcionando um ambiente de diálogo direto e o movimento a uma nova adaptação desse sistema. O respeito ao momento que cada um está enfrentando também é de suma importância, do mesmo modo que é importante dar suporte para tirar dúvidas acerca do processo e mesmo orientar quanto a questões práticas e tarefas diárias (Silva, 2009).

### **Considerações finais**

Esta pesquisa de campo teve como propósito analisar como a AVTSM auxiliaria os pais na superação da perda dos filhos, relacionando com o entendimento sistêmico das observações que o pesquisador faria no local, e, ainda, fazer uma leitura das percepções e dos sentimentos desses pais.

A perda ocorrida para esses pais sugere a maior dor emocional, física, psíquica e espiritual que qualquer pessoa possa sentir (Affonso, 2015), porém, a injustiça dos órgãos competentes e a falta de respeito de parte da população da cidade chamaram a atenção do pesquisador, o que o sensibilizou mais ainda. Além desse contexto, outro fato que despertou comoção no pesquisador foi o fato de ter conhecimento a respeito do processo judicial movido contra quatro pais de sobreviventes.

O grupo observado assumiu, por assim dizer, um papel fundamental para as mães e os pais que lá estão entrelaçados, fortalecidos pela união e pela conexão que se efetiva entre eles. Os feitos pelos integrantes transcendem aquilo que se espera da justiça, que é a possibilidade de cura do sofrimento que esses sujeitos ainda vivenciam com muita força. Affonso (2015) reforça o trabalho coletivo entre as mães da tragédia:

As vidas destas mulheres continuarão em conexão, com suas filhas. Portas serão abertas com possibilidades de cura. A dor coletiva trouxe união, força e transformação e a conscientização, que todos somos um, a colaboração movimenta ação em conjunto na construção de nova narrativa. Ter um olhar mais amoroso, aprender com a própria natureza através de sua cadeia de sobrevivência poderá ser um aprendizado e uma grande experiência (Affonso, 2015, p. 361).

No caso da AVTSM, o funcionamento é semelhante ao de um sistema familiar, pois conta com subsistemas, como, por exemplo, os cargos de presidente e vice-presidente, o subsistema das mães artesãs e o subsistema dos cargos de apoio (administrativo). Cada envolvido conta com funções e fronteiras particulares, que consistem numa delimitação própria que se desenvolve na dependência das interações com os outros subsistemas, e tais fronteiras garantem a diferenciação entre si. Tais características associadas são percebidas quando os membros relatam suas atividades, sua organização e funções. A relação entre os membros do sistema se faz a partir de respeito mútuo e complementaridade.

## Referências

- Affonso, S. D. S. (2015). A antes e depois: Um enfoque reflexivo, narrativo com EMDR e as vozes de mulheres danificadas na tragédia de Santa Maria. In R. M. S. Macedo (Org.). *Expandindo horizontes da terapia familiar* (pp. 357-363). Curitiba: CRV.
- AVTSM – Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria. Retirado em 25/09/2016 de <http://avtsm.org>.
- Azar de Sporn, S. (2010) *Terapia sistêmica de la resiliência: Abriendo caminos, del sufrimiento al bienestar*. Buenos Aires: Paidós.
- Brandão, F. R. M. (2009). *A repercussão da morte de um filho na organização e estrutura familiar: Uma revisão de literatura*. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado, Graduação em Psicologia. Centro Universitário Jorge Amado, Brasil.
- Brown, F. H. (1995). O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed., pp. 393-414). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Coelho, R. M. (2012). Família e luto. In C. M. O. Cerveny (Org). *Família e intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação* (pp. 159-175). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fachini, P. G. (2014). A tragédia de Santa Maria. *Estudos de Psicanálise*, 41, 141-145. Retirado em 04/04/2017, do PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia): [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372014000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100014&lng=pt&nrm=iso)
- Minuchin, S. (1988). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Nichols, M. P. (1995). *A cura da família: Histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar* (7ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, D. R. (2009). Famílias e situações de luto. In L. C. Osório, E. P. do Valle & cols. *Manual de terapia familiar* (p. 377-398). Porto Alegre: Artmed.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). *Morte na família: Sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Viorst, J. (2005) *Perdas necessárias* (4a. ed.) São Paulo: Melhoramentos.

#### **Endereço para correspondência**

silb@upf.br  
silbpsico@gmail.com

Enviado em 19/10/2017  
1ª revisão em 03/07/2018  
Aceito em 30/09/2018